

BATEU DE PORTA EM PORTA, MAS NÃO HAVIA LUGAR PARA ELE

Indigente agoniza na calçada diante de público indiferente: “Desde a noite da última quarta-feira, um mendigo agonizava na calçada da rua Castro e Silva, na praça da Estação. Ontem, até às 12 horas, as pessoas passavam, olhavam e ficavam indignadas com o mau cheiro e o aspecto horrível das inflamações do corpo do homem abandonado. Ele já não mais falava. Apenas gemia e, de vez em quando, estrebuchava, numa tentativa de espantar as moscas que lhe cobriam os pés.

Ninguém sabe seu nome ou sua procedência. E as autoridades não pareciam interessadas em retirá-lo dali. O soldado Mota, da Central de Operações Policiais, disse que o assunto não era da competência da Polícia e indicou o Instituto Dr. José Frota. No final, parece que o assunto não era da competência de ninguém, e o indigente continuou agonizando na calçada.

O Instituto Dr. José Frota não pôde mandar uma ambulância porque a única existente, como informou o chefe de equipe do hospital, estava ocupada com um militar que tinha sofrido um acidente. E indicou a Santa Casa de Misericórdia. Mas a ambulância da Santa Casa “não vai apanhar ninguém assim!” — foi o que informou a secretária do chefe do Serviço de Emergência. E indicou o 11º andar do IAPC, onde funciona a Assistência Social.

Com tanta burocracia, o anônimo indigente só podia esperar o carro do Instituto Médico Legal, depois que morresse, é claro. Depois de morto, passaria a ser da competência da Polícia. Como mendigo agonizante, não era da competência de ninguém. Enquanto isso, como o local em que o mendigo deitou-se atrapalhando o tráfego fica perto do centro da cidade, o povo todo desfilou na mesma calçada,

lançando de passagem um olhar impotente naquela imagem do seu próprio abandono. (Dados colhidos no jornal *O Povo*, Fortaleza, 27-7-1978).

Mulher de 80 anos roda 5 horas, tenta 6 hospitais e não consegue internação: “Vítima de acidente cardiovascular, Júlia dos Santos, 80 anos, andou durante 5 horas, em uma ambulância do Pronto-Socorro de Nova Iguaçu, procurando hospital ou casa-de-saúde onde pudesse ser internada. Nada conseguiu. Os médicos apenas lhe deram remédio e mandaram que voltasse depois, para o atendimento ambulatorial.

Dona Júlia dos Santos passou mal às 13 horas e foi levada, por seu filho, ao Pronto-Socorro de Nova Iguaçu. Lá, os médicos diagnosticaram acidente cardiovascular e a removeram para a casa-de-saúde. N. Sra. de Fátima. Ali, os médicos a medicaram e a mandaram para o Pronto-Socorro de Nilópolis. Lá, aconselharam Dona Júlia a procurar o Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes. Dali, sempre na ambulância e seguida por seu filho em um Volkswagen, Dona Júlia foi levada ao Hospital Getúlio Vargas.

No Getúlio Vargas, consideraram seu caso de ambulatorio e sugeriram que voltasse no dia seguinte ou então procurasse o Hospital Souza Aguiar. Lá chegando, os médicos souberam que Dona Júlia tinha vindo do Getúlio Vargas e a mandaram de volta. No Getúlio Vargas, foi atendida pelo chefe da equipe. Este alegou que o caso era clínico e só podia dar um medicamento rápido, indicando que ela voltasse no dia seguinte. Às 18 horas, Dona Júlia foi deixada de volta, em sua casa” (JB 21-8-78).

Eis aí duas parábolas cruéis do povo brasileiro. Claro que elas não se referem à tal elite dos 5% de privilegiados cida-

dãos acima de qualquer suspeita e de qualquer mau cheiro. O mendigo abandonado e a anciã chutada de um lado para outro são a própria imagem de nossas massas populares, entregues à própria sorte, ou melhor, deixadas à própria desdita. O que lemos nos jornais e, mais ainda, o que escutamos nos relatos das pessoas é a confirmação rotineira de uma sociedade, chamada cristã, cujo funcionamento está longe do Reino de Deus que professamos pela fé.

Um mundo que vai ser melhor está nos sonhos de todas as sociedades. Uma vida que vai ser melhor está no anseio de todas as pessoas. Os passantes ao lado do mendigo caído na calçada sentem que não pode estar certo o mundo que produz tanta crueldade. Os médicos que estavam esperando em cada uma das estações da via-sacra de Dona Júlia, com certeza também sentem que as coisas deviam funcionar melhor. Será que existe possibilidade do nosso mundo ser diferente? Será que os sonhos e anseios de mundo melhor para todos constituem apenas fantasias que se apossam de nós, nas horas de fraqueza?

Entrando na terceira semana do Advento, tempo concentrado de meditação no Reino de Deus, é fundamental termos aos olhos da consciência a palavra fundamental da Bíblia: Deus, após a criação, olhou sua obra e viu que tudo estava bem feito e funcionando bem. Nos planos originais de Deus entrou nosso pecado: o egoísmo predatório que mata, esfolia e explora o irmão. Eis aí a causa primeira de todos os males: não é o mundo que é fatalmente ruim, nós é que o tornamos ruim, com opções livres pelo egoísmo.

Até quando as massas exploradas vão tolerar passivamente a opressão das minorias insensíveis? Essas massas humanas estão a exigir uma história nova, baseada na igualdade de direitos. Neste tempo de Advento, a Igreja lembra a nós que Jesus Cristo é a pedra fundamental do mundo novo. Os tempos estão maduros, é chegada a hora de organizarmos nossa convivência em cima na fraternidade que ele viveu e nos ensinou.

CATABIS & CATACRESES

CACHORRO QUE COME OVELHA...

1. Tem aquela do ilustre Dr. Embaixador Roberto de Oliveira Campos, o qual naquele estilo grandiloquente que ele acha que Deus lhe deu e ele carinhosamente cultivava disse o seguinte pros 800 escutadores:

2. “Se no passado a agricultura pagou a conta da industrialização, chegou o momento de as cidades industriais pagarem o preço de uma nova revolução agrícola, e isso será melhor realizado dando-se preços ao invés de subsídios ao agri-

cultor”. Estava n’O Globo meses atrás (5-4-78).

3. Brasilino, o doce e humilde, não entende. Coça a cuca magra e subdesenvolvida e diz lá nas profundezas do seu pensamento popular: “Epa, doutô, eu tô no eito fais pra lá de corenta ano. E só agora o senhô discubriu a roça? Aí tem coisa, doutô”.

4. O Dr. Roberto é um homem viajado e rico. Tem antenas universais. E pode ser que ele saiba que um dos pontos

prioritários do Dr. General João Batista era precisamente a agricultura.

5. Saberá também que o Governo brasileiro ficou pulando de raiva quando soube que lá na Holanda os doutores da Tri decidiram enquadrar o Brasil na área da produção agrícola, tá?, deixando pros “grandes” a faixa industrial.

6. Brasilino não diz nada. Só faz pensar. E confirmar que “cachorro que come ovelha só deixa depois que morre...” Estamos de acordo, leitor?

3º DOMINGO DO ADVENTO (17-12-1978)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote

Cantos: Campanha da Fraternidade 1976.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

I Juntos como irmãos, membros da Igreja / Vamos caminhando, vamos caminhando, / Juntos como irmãos, ao encontro do Senhor.

1. Somos povo que caminha / num deserto como outrora / lado a lado sempre unido / para a Terra Prometida.
2. Na unidade caminhemos / foi Jesus quem nos uniu / nosso Deus hoje louvamos / seu amor nos reuniu.
3. A Igreja está em marcha / a um mundo novo vamos nós / onde reinará a Paz / onde reinará o Amor.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, o amor de vocês cresça sempre mais em conhecimento e em toda a sensibilidade, para vocês discernirem o que mais lhes convém, a fim de que vocês sejam puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, carregados de frutos da justiça por Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. O profeta Isaías fala de sua vocação: levar a boa-nova aos humildes, dar a paz aos corações arrependidos, anunciar aos cativos a redenção, aos prisioneiros a liberdade e proclamar o ano da graça do Senhor. Na sinagoga de Nazaré, Jesus toma esta palavra como referência à sua pessoa e à sua missão. Este é o Cristo que estamos esperando e cujos caminhos preparamos no Advento. Na segunda leitura, a vinda iminente de Cristo marca a vida da comunidade primitiva, através da alegria, da união fraterna e oração constante, e do respeito pelos dons do outro. Só quando todas as camadas de nosso ser forem penetradas por tais manifestações do Espírito é que estamos aptos a viver o Dia do Senhor. Na terceira leitura, João Batista dá testemunho da luz que, no Verbo feito carne, apareceu no mundo. A resposta de João às indagações dos judeus indica que o Esperado já está em nosso meio, mas ainda não o conhecemos. É para ele que João aplaina o caminho. A grandeza de João repousa em sua vocação de apontar o Esperado que chegou; mas repousa sobretudo na perfeita fidelidade com que cumpriu esta missão.

4 ATO PENITENCIAL

S. (*Exortação ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. No fim, momentos de silêncio para revisão de vida*). — Senhor, nossa vida talvez esteja no lado daquelas forças que cooperam para que os pobres tenham motivos de queixa e não de entusiasmo pela força libertadora do cristianismo. Por esse pecado, nós vos pedimos: Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, aceitamos a parte da fé que dá conforto pessoal e interessa à nossa segurança, e refugamos suas consequências desinstaladoras que mandam lutar na construção da justiça. Por esse pecado, nós vos pedimos: Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, buscamos fundamentos, na fé para mantermos situações que barram a ascensão dos pobres e marginalizados, em vez de trocarmos de lado e prepararmos os caminhos do Cristo libertador. Por esse pecado, nós vos pedimos: Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

5 COLETA

S. Oremos: Deus todo-poderoso, olhai com bondade vosso povo que aguarda com fiel esperança o nascimento de Cristo. Tornai nosso coração preparado para o grande presente, da redenção, a fim de que o Natal se torne um dia de alegria e de esperança. É o que vos pedimos por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA

L C. A primeira leitura é tirada do Livro do Profeta Isaías, cap. 61, versos 1 a 2a e 10 a 11. O movimento religioso e histórico, despertado por Cristo, não visa a dar conforto pessoal, mas a criar condições para que os oprimidos encontrem a redenção e tenham motivos de se alegrarem no Senhor que liberta.

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me consagrou. Enviou-me para levar a boa-nova aos humildes e libertar os corações aflitos, para anunciar a redenção aos oprimidos, e a liberdade aos escravizados; para anunciar um ano de graças da parte do Senhor. Transbordo de alegria no Senhor. Porque ele me vestiu com vestes de salvação, cobriu-me com o manto da justiça. Pois como a terra faz crescer suas plantas, e como um jardim faz germinar suas sementes, assim o Senhor Deus fará brilhar a justiça e a glória diante de todas as nações. — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus.

7 CANTO DE MEDITAÇÃO

A certeza que vive em mim / é que um dia verei a Deus / contemplá-lo com os olhos meus / é a felicidade sem fim.

1. O sentido de todo o viver / eu encontro na fé e no amor / cada passo que eu der / será buscando o meu Senhor.

2. Peregrinos nós somos aqui / construindo morada no céu / quando Deus chamar a si / quem foi na terra amigo seu.

8 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da primeira Carta de Paulo aos Tessalonicenses, cap. 5, versos 16 a 24. A consciência viva de que o Senhor estava para chegar funcionava como forte motivação para que os dons do Espírito se manifestassem na comunidade primitiva, através sobretudo da união com Deus e com o próximo.

L. Leitura da primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: «Irmãos, vivam sempre alegres. Orem sem cessar. Em todas as circunstâncias, rendam graças ao Senhor, pois esta é a vontade de Deus para vocês, em Cristo Jesus. Não reduzam ao silêncio o Espírito Santo. Não desprezem as pregações. Mas experimentem tudo e conservem o que é bom. Abstenham-se de toda espécie de mal. Que o Senhor da paz santifique vocês até à perfeição, e que vocês se guardem inteiramente sem mancha para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é aquele que chama vocês: ele cumprirá suas promessas. — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

9 ACLAMAÇÃO

I 1. Porque és, Senhor, o caminho / que devemos nós seguir. Nós te damos hoje e sempre / toda glória e louvor.
2. Porque és, Senhor, a verdade / que devemos aceitar.
3. Porque és, Senhor, plena vida / que devemos nós viver.

10 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de João, cap. 1, versos 6 a 9 e 19 a 28. João Batista aparece como definição profunda da vida cristã: o que interessa não é nossa pessoa, com suas vaidades; o que interessa é que cresça entre os homens o movimento da justiça do Reino de Deus, trazido por Cristo.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo São João.

P. Glória a vós, Senhor.

S. Naquele tempo apareceu um homem, enviado por Deus; ele se chamava João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas devia dar testemunho da luz. E foi isso que João testemunhou, quando os ju-

deus enviaram, de Jerusalém, sacerdotes e levitas para lhe fazerem esta pergunta: «Quem é você?» Sem hesitar, ele declarou: «Eu não sou o Cristo». Eles repetiram: «Então, quem é você? Elias?» Ele respondeu: «Não sou». De novo perguntaram: «Você é o profeta?» Ele disse: «Não». Eles insistiram: «Fale-nos quem é você, para que possamos dar resposta àqueles que nos enviaram! O que você diz a respeito de você mesmo?» Ele respondeu: «Eu sou a voz que clama no deserto: aplainem o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías». Entre aqueles mensageiros havia também alguns fariseus. E estes lhe perguntaram: «Então, como é que você batiza, se você não é o Cristo nem Elias nem o profeta?» E João lhes respondeu: «Eu batizo com água; mas no meio de vocês está alguém que vocês não conhecem. Esse é que vem depois de mim e eu não sou digno nem sequer de lhe desatar a correia das sandálias». Isto aconteceu em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando. — Palavra da salvação. P. Glória a vós, ó Cristo.

11 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

12 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. P. Creio em um só Senhor Jesus Cristo / Filho unigênito de Deus; nascido do Pai antes de todos os séculos: / por ele todas as coisas foram feitas. / Ele se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, / e se fez homem. / Foi crucificado sob Pôncio Pilatos, / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras. / Creio no Espírito Santo / que procede do Pai e do Filho / e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. / Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. / Creio na ressurreição dos mortos e na vida eterna. Amém.

13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, ante a chegada do Senhor, não temos direito de ficarmos perdidos em pequenos e fechados interesses. É preciso que o Reino de Deus cresça entre os homens. Este crescimento depende de nosso trabalho. Para que o Espírito de Deus nos dê a força de construí-lo, elevemos nossas preces:

1. Pelos cristãos de nossa comunidade, para que entendam na prática a fé como engajamento nos problemas de seu ambiente, rezemos ao Senhor.
2. Para que, em nós, a consciência de agradar a Deus se concretize na participação e na ajuda para livrarmos nossos irmãos oprimidos, rezemos ao Senhor.

3. Para que não sejamos arrastados na onda materialista de cuidar apenas de nosso conforto e de nossas vantagens pessoais, rezemos ao Senhor.

4. Para que a figura profética de João Batista desperte nossa vocação profética e a disposição de prepararmos a chegada do Reino de Deus, rezemos ao Senhor.

5. Para que nossa alegria na preparação do Natal não se consuma apenas em exterioridades, mas seja expressão de nossa certeza na presença de Cristo agindo no mundo, rezemos ao Senhor.

S. Senhor, aceitai nossas orações e dai-nos sensibilidade para escutarmos a mensagem essencial de vosso profeta que, com seu desapego aos bens que passam, preparou o caminho para a chegada ao mundo do vosso Filho Jesus Cristo, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

14 CANTO DO OFERTÓRIO



Sabes, Senhor, / o que temos é tão pouco pra dar / Mas este pouco / nós queremos com os irmãos compartilhar.

1. Queremos nesta hora, diante dos irmãos / comprometer a vida buscando a união.
2. Sabemos que é difícil os bens compartilhar / mas com a tua graça, Senhor, queremos dar.
3. Olhando teu exemplo, Senhor, vamos seguir / fazendo o bem a todos, sem nada exigir.

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome, / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Senhor, preparando a chegada de vosso Reino, queremos executar a tarefa que vosso Filho nos confiou. Recebei nossas ofertas e dai à vossa Igreja a salvação que ele nos trouxe. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

16 PREFÁCIO (próprio)

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Salve, ó cruz, única esperança. Salve, ó cruz, única certeza. Salve, ó cruz, sinal da vitória.

Olhai para nós, Senhor, salvai-nos!

18 CANTO DA COMUNHÃO



1. É bom estarmos juntos / à mesa do Senhor / e unidos na alegria / partir o pão do amor. Na vida caminha / quem come deste pão / Não anda sozinho / quem vive em comunhão.

2. Embora sendo muitos / é um o nosso Deus / com ele, vamos juntos / seguindo os passos seus.

3. Formamos a Igreja / o corpo do Senhor / que em nós o mundo veja / a luz do seu amor.

4. Foi Deus quem deu outrora / ao povo o pão do céu / porém nos dá agora / o próprio Filho seu.

5. Será bem mais profundo / o encontro: a comunhão / se formos para o mundo / sinal de salvação.

6. A nossa Eucaristia / ajude a sustentar / quem quer no dia-a-dia / o amor testemunhar.

(Faz-se silêncio para oração pessoal).

19 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Deus de misericórdia, com a força desta santa refeição, vinde em socorro de nossa fraqueza. Purificai-nos de nossa culpa e ajudai a nos prepararmos para as festas que se aproximam. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

MENSAGEM PARA A VIDA

20

(Após as comunicações de interesse para a comunidade).



C. Não se pode dizer que o povo de Israel não tivesse muitos sacerdotes e funcionários da religião. No entanto, o Evangelho mostra o povo quebrando o caminho das sinagogas e indo ao deserto, em busca da palavra de João Batista. A hipertrofia da organização, da hierarquia e disciplina não respondia mais às necessidades religiosas do povo; e este foi atrás de vida, no deserto. E João lhes ensinava vida com recompensações simples: "Repartam com os outros o que vocês têm sobrando. Não explorem seu irmão. Não maltratam os mais fracos. Não sejam delatores. Fiquem contentes e conservem a esperança, porque o Reino de Deus está chegando". Eis as recomendações que a Igreja, neste tempo de advento, remete para nós. Vejamos se as ambições não nos estão levando em outra direção: rumo ao egoísmo que se aproveita dos mais fracos, gerando a exploração e a marginalidade de nossos irmãos.

21 CANTO FINAL

Eis o tempo de conversão / eis o dia da salvação / Ao Pai voltemos / juntos andemos / Eis o tempo de conversão.

1. Os caminhos do Senhor / são verdade, são amor / dirigi os passos meus / em vós espero, ó Senhor. / Ele guia ao bom caminho / quem errou e quer voltar / ele é bom, fiel e justo / ele busca e vem salvar.

2. Viverei com o Senhor / ele é meu sustento / eu confio mesmo quando / minha dor não mais agüento. / Tem valor aos olhos seus / meu sofrer e meu morrer / libertai o vosso servo / e fazei-o reviver.

3. A Palavra do Senhor / é a luz do meu caminho / ela é vida, é alegria / vou guardá-la com carinho. / Sua lei, seu mandamento / é viver a caridade / caminhemos todos juntos / construindo a unidade.

22 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, e Filho, e Espírito Santo. P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. P. Amém.

IMAGEM DO PÃO DE CADA DIA

1. Lula saiu de casa, em Caxias, mal nascera o dia. Hoje como todos os outros dias (quando está em casa). Aonde vais, Lula? por que saís de casa tão cedinho? Lula enrola-se mais nos trapos sujos e pega o ônibus. O motorista faz que não vê, porque Lula não paga passagem. São 13 anos de magrez, e penúria, de risco e pancada, de trabalho e fome. Você não paga, Lula. E Lula às 6 está pontualmente na Praça da Bandeira, para o primeiro biscate: varrer e lavar o armazém de seu Joaquim. Seu Joaquim faz que xinga...

2. Que Lula não sabe varrer nem lavar. Mas gosta e no fim dá café com pão pro garoto. Daí Lula vai ao estacionamento. Flanela, lata de água na mão, vai de carro em carro, lavando o pára-brisa de sujo real ou sonhado. Quando o doutor ou a madame chegam, às 8, às 9, às 10, Lula se insinua suavemente: que limpou o carro, que tomou conta, que ainda não tomou café, etc., argumentos certos, duvidosos, mentirosos que sempre surtem qualquer efeito positivo. Ao meio-dia um pedaço de pão e um refrigerante.

3. De tarde estacionamento ainda. Até às 6, quando decide voltar pra casa. Agora paga o ônibus. Tua féria hoje, Lula? Olha o bolso. Olha desconfiado. Aperta o bolso com mão suja e magra. Dezoito cruzeiros. Mais aperta o bolso maltrapilho. Pelas 8 está em casa, depositando na mesa o saldo líquido. Só isto, Lula? grita o pai. Só isto, menino? Parece que tu tá gastando o dinheiro com besteira. Lula diz que não senhor, que é tudo mesmo. Come um prato de arroz morno e logo se deita à espera do novo dia. Até quando, Lula? (A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Jr 23,5-8; Mt 1,18-24 /
Terça-feira: Jz 13,2-7.24-25a; Lc 1,5-25 /
Quarta-feira: Is 7,10-14; Lc 1,26-38 /
Quinta-feira: Ct 2,8-14; Lc 1,39-45 /
Sexta-feira: 1Sm 1,24-28; Lc 1,46-56 /
Sábado: Ml 3,1-4; 4,5-6a; Lc 1,57-66 /
Domingo: 2Sm 7,1-5.8b-11.16; Rm 16, 25-27; Lc 1,26-38.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

CURTAS RECORDAÇÕES DE PAULO VI

A Folha: *Talvez seja interessante para os amigos de A Folha saberem que relações pessoais Dom Adriano teve com o Papa Paulo VI.*

Dom Adriano: Meus contactos pessoais com Paulo VI foram poucos, muito poucos. Direi já quais foram. E direi também por que não foram mais numerosos. Fui nomeado bispo-auxiliar da Bahia pelo Papa João XXIII, durante o primeiro período conciliar, em 1962. A bula de minha nomeação tem a data de 22 de novembro de 1962. A ordenação episcopal foi em 17 de fevereiro de 1963. Quando em junho viajei para a Europa, João XXIII tinha falecido. Pouco depois era eleito Paulo VI. Foi durante o segundo período conciliar que tive a primeira oportunidade de encontrar o Papa. Em fins de outubro de 63 o Papa deu uma audiência coletiva aos bispos brasileiros e cumprimentou-nos um a um. No dia 27 de novembro tomei parte numa audiência pública, com uns 30 bispos do mundo inteiro. O Papa desceu do trono e veio falar com cada um de nós. Perguntou-me de onde era. Disse-lhe que da Bahia, auxiliar do Cardeal Dom Augusto que não viera participar do segundo período do Concílio. Paulo VI perguntou pela saúde de Dom Augusto e mandou lembranças para ele. Posteriormente, durante o Concílio, estivemos ainda algumas vezes com o Papa. Mas sem qualquer troca de palavras. Apenas em outubro do ano passado, na sessão de encerramento do Sínodo, me foi dado ensejo de falar com Paulo VI. Eram uns momentos apenas para os trezentos e tantos padres sinodais. Conversamos uns 20 a 30 segundos somente. Paulo VI sabia do seqüestro de setembro de 76. Apertando-me fortemente as mãos, disse que acompanhou os acontecimentos com interesse e solicitude, que rezou muito por mim, esperava que a situação melhorasse não se repetindo o fato, que mandava uma bênção especial para Nova Iguaçu. Dessa breve entrevista ficaram três retratos de lembrança. Eu mesmo nem pensei em retratos. Mas a Foto Felici pensou. Fotografou-me conversando com o Papa Paulo VI e, delicadamente, me

enviou os três retratos como lembrança. É tudo sobre meus contactos pessoais com Paulo VI.

A Folha: *Mas o senhor esteve outras vezes em Roma. Por que não procurou obter uma audiência particular?*

Dom Adriano: Depois de 63 voltei ainda para a terceira e quarta sessões conciliares, em 64 e 65. Visitei Roma em 1968. E pela última vez no ano passado, para tomar parte no Sínodo. Francamente, nunca me interessou em pedir uma audiência. Gostaria muito de conversar com Paulo VI, de levar-lhe alguma coisa da diocese de Nova Iguaçu. Mas lamentavelmente as dificuldades burocráticas, exigindo pedido de audiência muito tempo antes, as formalidades matavam em mim o desejo. Sempre me opus interiormente a burocracias que criam distância e obstáculos no relacionamento humano, sobretudo tratando-se de nossa área eclesial. Sei que Paulo VI sofria muito com a pragmática da Cúria Romana. Esforçou-se em simplificar muita coisa. Quebrou muitas tradições históricas sem sentido. Sofreu muito por causa de sua simplicidade fraterna. Mas a burocracia resistiu em muitos pontos. Sei de um arcebispo brasileiro que esperou em Roma cerca de um mês, para obter uma audiência particular com o Papa. Não por causa do Papa. Era a burocracia que entravava a aproximação.

A Folha: *Das poucas palavras trocadas com Paulo VI que impressão humana lhe ficou?*

Dom Adriano: Paulo VI era um Papa humilde e profundamente humano. Assim o demonstrou nos curtos momentos de nossa aproximação, como nos quinze anos de seu serviço de Papa. Paulo VI estava todo inteiro, homem de fé viva, profundamente humilde, profundamente sensível aos problemas dos irmãos, ansioso de servir e dar, em tudo aquilo que fazia ou dizia. A grandeza de sua personalidade e por isto mesmo do seu pontificado será reconhecida melhor mais tarde, quando distantes no tempo, mais objetivos no julgamento, pudermos acompanhar a penetração de Paulo VI em todos os aspectos básicos da Igreja e do mundo.

LITURGIA & VIDA

ENTRADA

Seria bonito se todos os fiéis fizessem a procissão de entrada, num simbolismo da grande peregrinação do povo de Deus para o Pai. Por motivos de ordem prática geralmente a procissão de entrada é feita pelo celebrante e pelos ministros do altar: leitores, comentaristas, cantores etc.

Quando a procissão entra, todos os fiéis se põem de pé e começam o canto de entrada. Deve ser, como de regra na Liturgia, um canto do povo, visando a criar um clima de festa e de comunhão eclesial, ao mesmo tempo que procura introduzir-nos no mistério do tempo litúrgico e da festa celebrada.

Os que fazem parte da procissão de entrada exprimem pela comunidade a

peregrinação do povo de Deus através do mundo. É claro que a pequena procissão deve ser digna e festiva.

Enquanto o povo canta, a procissão chega ao altar. Aí faz as reverências: inclinação para o altar e a cruz ou genuflexão, se o Sacrário estiver no presbitério.

O celebrante beija o altar respeitosa-mente em nome de toda a comunidade, o altar que é Cristo, o altar que é a mesa da Palavra de Deus e da Eucaristia, o altar que é também o lugar do sacrifício. Este beijo do altar é por si um ato de fé no mistério da salvação.

1. Como acontece a procissão de entrada na sua igreja?

2. Os cantos são participados?